

EM TERRITÓRIO DO DESEJO:  
ENTREVISTA COM JORGE  
VICENTE VALENTIM

*IN TERRITORY OF DESIRE:  
INTERVIEW WITH JORGE  
VICENTE VALENTIM*

**Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)**

Conversa com o Professor Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCAR), vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) e Coordenador do GELPA – Centro de Estudos Literários Portugueses e Africanos. Suas pesquisas recaem sobre a prosa homoerótica em língua portuguesa, e, neste bate-papo, o professor dialoga sobre alguns assuntos relacionados à sua formação e área de concentração de estudos.

*SL: Seu percurso profissional, além da formação e pós-graduação em Letras, também é voltado à música. Como você cultiva e equilibra essa paixão pela musicalidade e os estudos literários?*

JVV: Na verdade, minha formação em música foi uma necessidade diante do desafio de iniciar uma pesquisa sobre as relações intertextuais entre literatura e música. No final dos anos de 1980, eu fazia o antigo Curso Técnico da Escola de Música da UFRJ. Lá tive toda a minha formação e comecei a fazer carreira como concertista e camerista. No final dos anos de 1990, depois de ter defendido uma Dissertação de Mestrado sobre a música na ficção do escritor português Vergílio Ferreira, decidi expandir esta possibilidade de leitura, comparando a sua produção com a de mais dois autores: Helder Macedo e Albano Martins. Desde então, percebi que os diálogos eram múltiplos e intermináveis. Hoje, meu contato com a música é muito mais no âmbito teórico e magisterial do que propriamente no campo da performance. Diria mesmo ser impossível dedicar-se com o mesmo rigor às duas áreas. Magistério, como você bem sabe, consome um tempo muito grande. E a música, quase sempre, está comigo neste tempo, seja por meio de reproduções sonoras, seja por meio de textos ensaísticos de outros autores.

*SL: Com os Estudos Culturais, esse passeio entre gêneros parece obter maior espaço e sustentabilidade dentro dos estudos literários. A que você atribui esse movimento interdisciplinar?*

JVV: Felizmente, acredito que isto se deve graças à própria abertura da Academia para as novas possibilidades de investigação e, é claro, aos pesquisadores que investiram nestes campos de estudos. A amplitude dos leques de escolhas, diante das múltiplas áreas de saberes que foram se multiplicando, na nossa atualidade, parece indicar exatamente aquilo que, lá atrás, nos anos de 1980, Etienne Soriau chamara de a “interdisciplinaridade das artes”. Talvez, o nome não seja dos melhores, mas ele já apontava, sim, caminhos outros, emergentes e necessários, de leituras e pesquisas.

*SL: Você vê como salutar as pesquisas que valoram mais o social em detrimento do estético?*

JVV: Bom, essa questão é extremamente delicada. Se você valoriza um mais que o outro, você acaba estabelecendo hierarquias. E a grande questão acaba aparecendo: será realmente saudável estabelecer parâmetros hierarquizadores? Não me parece. Gosto de pensar que, em algum momento, é possível estabelecer um equilíbrio entre as duas coisas. A sempre atual lição deixada pelo nosso grande mestre Antonio Candido é paradigmática, neste sentido, afinal, será possível pensar o texto fora do seu contexto cultural, social e de época? Creio que não. Mas, por outro lado, não condeno de forma alguma (e quem seria eu para tal gesto, aliás, muito mais coerente com os censores medievais!) aqueles que estabelecem os seus níveis de preferência. Há textos que possibilitam tais encaminhamentos, outros, a meu ver, permitem uma gama de diálogos em igual peso e medida. Não se trata, portanto, de qual caminho de pesquisa seja mais importante ou valorativo, mas pensar qual deles seria mais coerente para investigar o objeto escolhido para a investigação.

*SL: Atualmente, os estudos sobre erótica literária têm obtido maior sustentabilidade nas academias, podendo o aluno estudar esse tema oficialmente.*

JVV: Felizmente. No meu caso específico, que estudo as questões sobre homossexualidade e homoerotismo na ficção portuguesa contemporânea, este aspecto vem ganhando, gradativamente, novos adeptos e novas perspectivas de investigação.

*SL: Como explicar essa pequena variedade de termos/conceitos que habitam os estudos sobre a representação da homossexualidade na literatura,*

*tais como Homoerotismo, Homotextualidade, Masculinidades ou até mesmo dissidências sexuais?*

JVV: Há quem olhe com certa desconfiança. De minha parte, acho absolutamente saudável, desde que todo este elenco seja utilizado de forma inteligente, coerente e sem hierarquizações. Acredito na possibilidade de novos caminhos de leitura, sobretudo, quando eles propiciam também uma diversificação de nomenclaturas. Ora, se não somos uniformes e nem unilineares, como pensar na possibilidade de apenas uma corrente para nos definir ou nos auxiliar nas nossas inquietações? Não somos monocromáticos, certo? Como o arco-íris, símbolo maior das nossas ansiedades e desejos, somos multicolores. Da mesma forma, os diversos e distintos nomes e conceitos também não poderiam ser um instrumento bem sucedido para nos auxiliar nas nossas reflexões?

*SL: Desde os anos noventa, quando o psicanalista Jurandir Freire Costa redescobriu e/ou trouxe novamente à luz o termo homoerotismo, uma série de pesquisas sobre essa questão começou a tomar corpo. Como caracterizar esse avanço?*

JVV:Foi, sem sombra de dúvida, um ganho singular para toda uma seara de estudos e pesquisas que, naquela época, se abria. Ainda que hoje já se perceba certa linhagem de investigação a repensar e ponderar o conceito de **homoerotismo**, não há como negar que a sua visibilidade foi fundamental para a consolidação de estudos sobre o tema. Muitos pesquisadores (e eu me insiro neste grupo) iniciaram suas inquietações nesta área de saber dentro dos seus campos de estudo a partir daquelas propostas de Jurandir Freire. Foi válido? Claro que sim.

*SL: Pode-se dizer que as pesquisas sobre a representação da homossexualidade na literatura acompanharam também o processo de militância de gênero?*

JVV: Acredito que sim. Muitos escritores (ficcionistas, poetas e ensaístas) nunca perderam de vista a proposta de que o seu projeto de criação coincidia também com uma pauta política de reivindicação. No Brasil, há um caso tutelar: João Silvério Trevisan. Seus contos de **O testamento de Jônatas a David** são de uma exemplaridade primordial. Ao mesmo tempo em que se percebe todo um domínio de criação narrativa (e vale destacar o poder de sedução dos seus narradores), não há como negar todo o lastro de uma voz reivindicativa ao longo da construção de suas personagens. Quanto à questão das pesquisas realizadas no meio acadêmico, sem sombra de dúvida. Nosso trabalho, no cotidiano da Academia, constitui uma batalha incansável de luta pelos nossos direitos. O maior deles, como diria o jornalista e ficcionista português Guilherme de Melo, é o “nosso sagrado direito à diferença”.

*SL: Já que tocou no nome de João Silvério Trevisan, é importante lembrar que ele é um dos grandes representantes do ativismo aos direitos homossexuais no país. Como você avalia essa militância atrelada à produção artístico-literária de alguns escritores?*

JVV: Absolutamente positiva e saudável. Como disse anteriormente, João Silvério Trevisan é um caso paradigmático. Seu já aqui citado livro de contos, para mim, constitui uma pérola em termos de construção narrativa. E, para além disto, como não perceber uma voz pontual e incisiva sobre as nossas inquietações e necessidades? Está tudo lá. É só ler com atenção.

*SL: Na sua produção científica há um espaço considerável dedicado à análise de obras da literatura homoerótica portuguesa. Como foi isso?*

JVV: Ah, bom. Aqui, eu preciso fazer uma pequena digressão e alguns agradecimentos. Em 2004, logo depois de ter defendido meu doutorado, meus amigos Mário Cesar Lugarinho e Emerson da Cruz Inácio insistiram que eu investisse em pesquisas sobre este tema na literatura portuguesa. Só que eu ficava imaginando o que estudar, já que eles dois, para mim e para tantos outros, são duas referências de citação obrigatória e com ensaios incontornáveis sobre o assunto. Mas, foram eles próprios que me chamaram a atenção: ambos têm uma gama muito grande estudos dentro da literatura portuguesa com uma inclinação muito forte para a poesia. A idéia deles era a de que eu deveria pensar sobre a homossexualidade e suas representações na ficção portuguesa contemporânea, sobretudo, a produzida depois da abertura proporcionada pela Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974. Para minha surpresa, eu encontrei um manancial de estudo. Não só de autores canônicos que se debruçaram sobre a questão da homossexualidade, do homoerotismo e das subjetividades sexuais (Jorge de Sena, Al Berto, Natália Correia, António Lobo Antunes e Mario Cláudio, dentre outros), mas também de alguns ilustres (e muito talentosos) desconhecidos entre nós (Guilherme de Melo, Possidónio Cachapa, Frederico Lourenço, Joaquim Almeida Lima, Rosa Lobato de Faria e Fernando Duarte Rocha, dentre outros). A partir daí, não parei mais. Graças, portanto, à insistência destes dois grandes pesquisadores brasileiros, hoje, posso dizer que faço parte daqueles que se debruçam sobre as reflexões em torno dos estudos sobre a homossexualidade nas literaturas de língua portuguesa. Mesmo sabendo que existe, entre nós, por razões óbvias, um campo muito mais consolidado na literatura brasileira do que na portuguesa, eu ainda acredito que pensar os amores que ousam dizer o seu nome numa língua comum (no nosso caso, a portuguesa) pode ser um caminho frutífero para interrogar sobre os possíveis diálogos e

irmandades culturais nos universos lusófonos. Se um dia vamos conseguir? Bom, respondo com John Lennon: “*YoumaysayI’m a dreamer, / butI’mnot de onhyone*”.

*SL: Em termos comparativos, a literatura homoerótica portuguesa contemporânea vem se destacando frente à brasileira?*

JVV: De forma alguma. Bem que eu gostaria muito que as duas andassem de mãos dadas sempre. Mas, estes estudos voltados para o universo literário português são extremamente recentes e cabem nos dedos das mãos. Ao contrário da brasileira que, felizmente, hoje possui um grupo muito maior e extremamente respeitável, em nível internacional. Vale destacar, neste sentido, o trabalho pontual de alguns investigadores portugueses: Miguel Vale de Almeida, Ana Luisa Amaral, António Fernando Cascais (que admiro muitíssimo, até porque foi de um ensaio seu que surgiu a provocação do problema de minha pesquisa), Ana Cristina Santos, São José Almeida (que possui um estudo interessantíssimo, chamado Homossexuais no Estado Novo) e Cecília Barreira. Muito antes de mim, estes ensaístas dedicaram-se de maneira séria e muito eficaz ao estudo da literatura homoerótica e da própria homossexualidade do lado de lá do Atlântico.

*SL: Em **Corpo no outro corpo: homoerotismo na literatura portuguesa contemporânea**, livro de sua autoria, lançado ano passado pela Edufscar, há um valioso mapeamento sobre a literatura homoerótica portuguesa, sua importância tanto estética como cultural. Comente para os leitores do Nódia no Brim como ocorreu o desenvolvimento dessa pesquisa.*

JVV: Nossa, agora você me pegou pelo pé (risos). Não foi fácil. Primeiro, porque o primeiro parecer que recebi para o meu

projeto de Pós-Doutorado foi grosseiro e bem indelicado, chegando mesmo às raias da incoerência. Isto porque, na mesma avaliação, alguém me dizia que minha pesquisa não tinha fundamento porque meu objeto de estudo não existia. Ou seja, não havia literatura de temática homoerótica em Portugal. No entanto, esta mesma avaliação sublinhava com elogios a minha rica bibliografia. Ora, diante desta incoerência, eu nem pensei duas vezes. Solicitei reconsideração e, é claro, ganhei. Assim, durante 7 meses (fevereiro a agosto de 2013, com o auxílio da Bolsa de Doutorado Sênior da CAPES), pude realizar esta investigação na Universidade do Porto, sob a supervisão generosa e competentíssima da Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Pires de Lima, que, aliás, também assinou o “Prefácio” da referida obra. Foi um período muito produtivo, não só porque tive a oportunidade de falar e trocar idéias com outros pesquisadores europeus, mas porque tive a oportunidade de conversar pessoalmente com o escritor pioneiro na luta pelos direitos LGBT em Portugal: Guilherme de Melo. Foi um encontro espetacular. Depois de anos, poder dialogar com o autor dos meus objetos de estudos, na sua casa, e com uma simpatia singular. Dias depois desta entrevista, Guilherme de Melo faleceu. Ou seja, eu tive o privilégio de conduzir a sua última fala, que, felizmente, saiu publicada aqui no Brasil, na revista **Via Atlântica** 24, da USP. Além deles, também pude encontrar e dialogar com outros autores que se debruçaram sobre o tema em suas obras: Possidónio Cachapa, Frederico Lourenço, Mário Cláudio e António Casado. O resultado encontra-se na obra publicada no final do ano passado, que você mencionou ainda há pouco. Agora, vale sublinhar que, como você bem afirmou, é um trabalho de mapeamento, e, como tal, ainda carece de mais acréscimos e de um alargamento no seu campo de reflexão. No entanto, acredito que enquanto estudo sobre as questões voltadas para a representação da homossexualidade na narrativa portuguesa contemporânea, o texto é válido e pode vir a contribuir com outras indagações.





*SL: Embora **Corpo no outro corpo** trate do homoerotismo masculino, você também pesquisa a questão da homossexualidade feminina, como é possível notar no excelente ensaio **Safo em Sodoma: a escrita feminina de Judith Teixeira em tempos de Orpheu**. Há uma diferença crucial entre o homoerotismo masculino e feminino ou trata-se apenas de uma opção metodológica?*

JVV: Existe sim, claro. Mas, por razões metodológicas, era preciso fazer um recorte. Só que, estando em Portugal e tendo a possibilidade de pesquisar em núcleos e institutos com um rico material bibliográfico, eu não poderia perder a oportunidade. Daí que, quando me deparava com algum outro viés de encaminhamento teórico ou outros objetos distintos daquilo que eu procurava, eu aproveitava e digitalizava o material. Depois de retornar ao Brasil, percebi que a minha intuição não estava errada. Era preciso, sim, fazer um recorte, mas, também, era necessário expandir os horizontes de reflexão. Por isso, não só Judith Teixeira, mas Isabel de Sá, Natália Correia, Leonor Campos, Ana Luisa Amaral e Raquel Freire também fazem parte dos meus focos de interesse e interrogação. Afinal, elas também dão importantíssimas contribuições para a representação e expressão deste amor que ousa dizer o seu nome, de formas variadas e sempre enriquecedoras para nós.

*SL: Quais escritores brasileiros destacam-se na produção contemporânea? Quais obras de tematização homoerótica você indica?*

JVV: Bom, para leitura, certo? Sendo assim, não vou fazer distinção entre autoria masculina e feminina. Se a visibilidade e a divulgação dessas obras constituem os dados mais importantes, vou aqui expor muito sucintamente alguns nomes e títulos que julgo necessários para o conhecimento do público leitor. Antes de chegar

aos contemporâneos, gosto sempre de destacar um texto fundamental para se pensar a própria contemporaneidade: **Bom-Crioulo** (1891), de Adolfo Caminha, e **O menino do Gouveia** (1914). São textos importantes e que contam (e representam, é claro) situações em que a homossexualidade constitui o ponto central das efabulações. Este último, inclusive, ganhou uma belíssima edição, sob a chancela de **O sexo da palavra**. Ler e estudar estes textos pode contribuir de maneira significativa para uma compreensão mais ampla das inquietações atuais. Já em relação à produção contemporânea, no Brasil, alguns nomes aparecem como citações obrigatórias: a nossa inesquecível Cassandra Rios (**Volúpia do pecado**, **A borboleta branca** e **As traças** continuam sendo casos pontuais de um homoerotismo feminino elevado a um requinte singular na nossa literatura. Aliás, diga-se de passagem, este ano, completamos 15 anos sem a sua presença e não houve qualquer menção de homenagem ou reconhecimento!), Caio Fernando Abreu (os contos de **Morangos mofados** constituem já um caso paradigmático, não?), Silvano Santiago (**Stella Manhattan** e o mais recente **Mil rosas roubadas**), João Gilberto Noll (**Berkeley em Bellagio** e **Solidão Continental** são duas belíssimas obras em que a temática homoerótica se estabelece como ponto fulcral), o próprio João Silvério Trevisan (**Testamento de Jonas deixado a Davide Em nome do desejo**) e, mais recentemente, Marcelino Freire (**Nossos ossos**), além, é claro, de um elenco representativo na literatura infanto-juvenil e de outros nomes mais atuais que vêm surgindo no cenário nacional e destacando-se, inclusive, com o reconhecimento de premiações, como é o caso de Natalia Borges Polessa e o seu livro de contos **Amora**. Acredito que para um início de leitura, esta sequência pode proporcionar boas inquietações e reflexões.

*SL: Sempre que encerramos uma pesquisa fica aquele desejo de que poderíamos fazer algo a mais. Dentro desse campo de estudos, há algum projeto que você coteje fazer ou que adoraria que alguém o fizesse?*

JVV: Ah, sim. Muitos (risos). Mas, por agora, estou me dedicando às questões voltadas para as subjetividades sexuais e para alguns textos de autoria feminina. Um caso em particular tem me chamado a atenção: a poeta, dramaturga, ficcionista, antologista e ensaísta portuguesa Natália Correia. Infelizmente, entre nós, brasileiros, é uma desconhecida, mas, observada com atenção, o seu caso é simplesmente de uma lucidez e uma ousadia *avant la lettre*. Em pleno contexto de um Portugal salazarista, uma autora ousa escrever uma **Breve História da Mulher**, em 1947! Dois anos antes de Simone de Beauvoir lançar **O segundo sexo** (1949)! Só por esta informação, não há como não ficar curioso em conhecer a sua obra. E, quando nos deparamos com atitudes iconoclastas para a época, como em **A Madona** (romance ousadíssimo que, já em 1968, apregoava uma liberação sexual na sua plenitude!) ou em **Uma estátua para Herodes** (texto de 1974, que sublinhava o infanticídio como uma forma de a figura feminina não se permitir ser subjugada pela masculina), percebemos o quanto esta artista contribuiu para a afirmação e a consolidação de uma ficção feminina num mundo dominado pela lógica patrística. Essas suas duas obras são apenas dois (dos muitos) casos que merecem uma pesquisa atenta. Outro fenômeno que já me inquieta há um bom tempo e sobre o qual tenho escrito sobre é o da presença de personagens dissidentes sexuais no teatro português contemporâneo. Prefiro assim chamar, sem fazer uma distinção, pelo menos por agora, para poder finalizar o mapeamento destas (homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgenders, travestis e pansexuais, dentre outras categorias).

*SL: <sup>1</sup>Por fim, e sobre suas pesquisas atuais? Está planejando o lançamento de um novo livro? Alguma novidade?*

Pesquisa envolve também inquietação, certo? Felizmente, há vários elementos que me causam este desassossego. Em breve, deve sair uma reunião de ensaios sobre estas interrogações. Mas, por

enquanto, prefiro deixar apenas esta informação (risos). Muito obrigado pela oportunidade de conversar um pouco sobre questões importantes não só para mim, mas também para outros pesquisadores e leitores.